

1.

Se misturar na multidão, interpretar esse estranho drama sem que ninguém perceba nada, se lembre de nada.

Uma corrida, com todas as chances de passar despercebida. Ao longo do River Park. Às sete da manhã, todo mundo corre. Em uma cidade onde o tempo é cronometrado, onde os nervos de todos são postos à prova, corremos; corremos para conservar nossos corpos, para apagar os excessos da véspera, para prevenir o stress do dia que vai começar.

Um banco; o pé apoiado sobre o assento, amarrando o cadarço e esperando que o alvo se aproxime. O capuz caído sobre o rosto reduz o campo de visão, mas permite dissimular o semblante. Uma chance para recuperar o fôlego, evitar que a mão trema. O suor não importa, não chama a atenção, não entrega ninguém, aqui, todos transpiram.

Até que ele aparece, deixar que ele passe, esperar alguns instantes antes de retomar a corrida, a passos curtos. Manter alguma distância, até o momento oportuno.

A cena foi repetida sete vezes. A cada manhã, na mesma hora. A cada vez, a tentação de agir era enorme. Mas o sucesso depende de uma boa preparação. Não se pode errar.

Lá vem ele, descendo a Charles Street, fiel à rotina. Ele espera que o sinal fique vermelho para atravessar as quatro primeiras vias da West Side Highway. Os carros seguem para o norte da cidade, as pessoas se deslocam em direção ao trabalho.

Ele parou no meio das pistas. O pequeno boneco luminoso no sinal de pedestres já piscava. Os carros avançavam em direção a TriBeCa e ao Financial District, para-choque contra para-choque, mas mesmo assim ele seguiu. Como sempre, respondeu às buzinas levantando o punho, com o dedo médio

apontado para o céu, virou à esquerda e pegou a via de pedestres, ao longo do rio Hudson.

Ele percorreu seus vinte quarteirões, em meio aos outros corredores, ficou contente em deixar para trás aqueles com menos preparo físico e amaldiçoou os que o ultrapassaram. Eles não têm nenhum mérito, têm dez ou vinte anos a menos. Quando ele tinha 18 anos, frequentar essa parte da cidade era impensável, mas ele foi um dos primeiros a suar a camisa ali. Pouco resta das docas que, no passado, se estendiam sobre as fundações de madeira. Hoje, fedem a peixe e a ferrugem. Odores de sangue. Como sua cidade mudou em vinte anos, rejuvenesceu, se embelezou. Nele, os anos começaram a deixar marcas no rosto.

Do outro lado do rio, as luzes de Hoboken se apagam com o nascer do dia, logo acompanhadas pelas de Jersey City.

Não perdê-lo de vista. Quando ele chegar no cruzamento da Greenwich Street, sairá da via de pedestres. É preciso agir antes. Nesta manhã, ele não irá ao Starbucks Coffee, onde costuma pedir seu mocaccino.

De passagem pelo Píer nº 4, a sombra que o segue, sem que ele perceba, terá se juntado a ele.

Ainda falta um quarteirão. Apertar o passo, se juntar à multidão que se forma sempre naquele local, uma vez que a passagem fica cada vez mais estreita e os mais lentos atrapalham os mais rápidos. A longa agulha desliza sob a manga; a mão, determinada, a segura com firmeza.

Acertar entre o alto do sacro e a última costela. Um golpe certo, uma incisão profunda que perfure o rim e chegue até a artéria abdominal. Ao sair, a agulha deixará marcas imperceptíveis até que alguém entenda o que aconteceu, que chegue o socorro, o tempo de transporte até o hospital, do encaminhamento para a sala de operação. Difícil chegar até o hospital, mesmo com as sirenes ligadas, na hora mais engarrafada da manhã, quando o tráfego está tão intenso que o motorista não pode fazer nada além de lamentar sua impotência.

Dois anos antes, talvez ele tivesse alguma chance. Desde que o hospital St. Vincent foi fechado, em benefício dos especuladores imobiliários, a emergência mais próxima fica a leste, em frente ao River Park. A hemorragia será severa demais, todo o sangue terá sido drenado.

Ele não sofrerá, não sofrerá tanto. Sentirá apenas frio, mais e mais frio. Tremará, perderá pouco a pouco a sensibilidade nos membros, baterá os dentes até não poder mais falar, e para dizer o quê? Que foi ferido gravemente nas costas? Grande coisa! O que a polícia poderia descobrir?

Crimes perfeitos existem, os melhores policiais irão confessar, ao fim de suas carreiras, vários casos não solucionados que os perseguem, como um fardo para suas consciências.

E veja só ele, chegando no lugar certo. O gesto foi simulado inúmeras vezes em um saco de areia, mas a sensação é diferente quando a agulha penetra a carne humana. O importante é não atingir um osso. Acertar uma vértebra lombar corresponderia a um fracasso. A agulha deve ser enfiada e imediatamente recolhida para a manga.

Depois, continuar a correr da mesma forma. Resistir à tentação de olhar para trás, permanecer anônimo entre os corredores, invisível.

Tantas horas de preparação para alguns segundos de ação.

Levará mais tempo para que ele morra, 15 minutos, provavelmente; mas esta manhã, por volta das sete e meia, ele irá morrer.